

PREFEITURA DO MUNICIPIO DE SÃO PAULO

REVISTA DO ARQUIVO
MUNICIPAL

XXXVIII

BCFB

38

0182

Lenis Barb.

© locativo tupe



**DEPARTAMENTO DE CULTURA
SÃO PAULO
1937**

O LOCATIVO TUPI NA TOPONÍMIA BRASILEIRA

PE. A. LEMOS BARBOSA

(Especial para a "Revista do Arquivo")

O estudioso da toponímia indígena do Brasil terá voltado alguma vez a atenção para certos nomes geograficos que, pela sílaba final característica, se afastam sensivelmente de todas as outras denominações de origem tupi: — os topônimos terminados nas sílabas atonas *-pe* e *-be*.

Alguns exemplos entre muitos:

Acarape, Araripe, Arassuahype, Aratuhype, Cauipe, Cotegype, Cururipe, Guarahype, Guararape, Iguaguaçupe, Iguape, Inhambupe, Itahype, Itapagipe, Jacuhype, Jaguaripe, Mamanguape, Mangape, Mapendipe, Maracahipe, Maragogipe, Maranguape, Meguahype, Meruipe, Mucuripe, Quiepe, Sergipe, Suassupe.

Beberibe, Camaragibe, Capiberibe, Jaguarybe, Paratybe, Peruibe, Piragibe, Pirangibe.

Denominações antigas, semeadas na sua maioria pela faixa de litoral que vai da Baía ao Ceará, esses nomes se distinguem efetivamente dos demais termos tupis, que, regra geral, ou são oxítonos (Tietê, Pará, Itanhaem, Mbói), ou paroxítonos terminados em *a* (Ypiranga, Jabaquara).

Os sabios Martius (Wörterammlung brasilianischer Spracher) e Tastevin (Vocabulario) propõem explicações inadmissíveis para aquelas sílabas finais.

Teodoro Sampaio (O Tupi na Geografia Nacional, 3.^a ed.), que regista muitos daqueles nomes, considera *-pe* e *-be* como variantes da mesma preposição tupi, que ele traduz por: “em”, “a”, “para”; p. ex.: *Acarape* nos acarás, aos acarás; *Sergipe* no rio dos siris, ao rio dos siris. (V. pp. 13, 97).

Batista Caetano já o tinha afirmado, com alguma duvida, talvez. Depois de Teodoro Sampaio, tornou-se opinião geral.

De facto, ela tem a seu favor syntaxe tupi, segundo a qual a preposição vem após o termo regido.

Mas Teodoro Sampaio não explica o porque dessa preposição ligada a um nome geografico; parece até supôr que, em alguns casos, dentro da propria lingua tupi, fosse facultativo o nome geografico preposicionado (V. § 96).

Debalde procurei uma solução para o caso em toda a sua valiosissima obra, como em outros estudos sobre o assunto.

Eis por que me abalanço a dar o meu parecer. E' tão simples que admira não tenha sido ainda proposto.

Em tupi a preposição *-pe* nunca fez parte de nomes geograficos. O “Rio do Jacu” se vertia *Jacu-y* e não *Jacu-y-pe*; a “Enseada” se vertia *Yguá* e não *Yguá-pe*, etc.

Era, sim, pela propria extensão do seu sentido, uma preposição muito usada com os nomes geograficos, — tanto ou mais que “a” ou “em” no portugês.

Com efeito, *-pe* tinha, entre outros, o sentido de: 1.^o “em” (preposição locativa): *Itá-pe*: na pedra, ou: em Itá; *Itá-y-pe*: no rio da pedra, ou: em Itahy. 2.^o “a”, “para” (preposição diretiva): *Itá-pe*: á pedra, ou: a Itá; *Itá-y-pe*: ao rio da pedra, ou: a Itahy.

Portanto, com excepção de poucos casos, em que o topônimo era regido de outras preposições, ou não o era de preposição alguma (caso muito raro no tupi), os nomes de tabas, rios, etc. na conversa usual, vinham sempre seguidos de *-pe*: *apytá itá-y-pe*: fiquei no rio da pedra, ou: fiquei em Itahy; *osó itá-y-pe*: foi ao rio da pedra, ou: foi a Itahy, etc.

Esta constancia, de par com a atonicidade e a posposição da partícula *-pe*, explica bem como os europeus, pouco ou nada conhecedores do tupi, tenham tomado como parte integrante dos nomes geograficos o que não era sinão preposição adventícia.

Os mais antigos documentos testemunham esse erro. Hans Staden, p. ex., escreveu: *Inbiassape, Iwarwassupe, Mungu Wappe, Tickquarippe, Meyenbipe*.

Seria, é claro, uma confusão excepcional, em proporção com o menor ou maior conhecimento da lingua geral. Assim se entende como prevaleceram preposicionados, em certos lugares, os mesmos nomes que, em outros, aparecem sem a preposição, e como o nome da mesma cidade figura nos mapas e nas crônicas ora com *-pe* ora sem *-pe*: *Itahy* e *Itahype*, *Yguá* e *Yguape*, etc.

Em resumo: — é mais um fenomeno de esquecimento etimológico. Caso semelhante se deu com as preposições latinas “in” e “ad” e com a preposição gaulesa, “are”, que, por engano, passaram para as linguas románicas incorporadas ás palavras que regiam. (V. Meyer-Lübke, *Introd.* § 236).

E *-be*?

Para Teodoro Sampaio, é apenas uma variante de *-pe*, já existente no tupi.

Mas nenhum gramático antigo autoriza essa afirmação, que não se pode esteiar apenas em algum raríssimo exemplo transmitido por viajantes, tão descuidados no tocante á pronúncia indígena. *-Be* só equivale a *-pe* no sentido de dativo e, aliás, é de uso exclusivamente prenominal.

A variante, portanto, se gerou depois.

Arrisco uma explicação.

Note-se que a final *-be* só aparece em nomes originariamente terminados na vogal *y*, característica do tupi. Ora esta vogal, por não ter correspondente no alfabeto latino, foi muitas vezes representada por *ig* ou *yg*. O *g*, aqui e ali começou a ser pronunciado. Disto vemos vestígios, p. ex.: nas palavras *Iperoig, Rerigtiba*. Foi mesmo a regra que mais tarde se deu para facilitar a pronúncia da vogal terrível: -faze-la seguir de um *g*. Anchieta afirma que antes de vogal, o *g* se pronunciava sempre.

Não terá sido este *g*, gutural branda, que, por assimilação, abrandou o *p* na sua homorganica *b*?

Degradação fonética originada também por fator psicológico — a pronúncia artificial é vacilante de um som — compreende-se assim que o mesmo nome, denominando diferentes lugares, apareça ora com a final *-pe* ora com *-be*: *Jaguaripe* e *Jaguarybe*, etc.

É uma explicação que tem suas probabilidades, mas á qual não dou maior valor que o de uma hipótese.

Ha também exemplos, muito escassos, de topônimos terminados em *-me*: *Capuãme*, *Gramãme*, etc.

Nenhuma dificuldade apresentam: *-me* é a preposição *-pe* nasalizada, segundo o concorde testemunho dos gramáticos antigos.

Sob este aspecto, é de todo plausível a identificação feita por Teodoro Sampaio entre *Urbioneme* ou *Orbioneme* (Hans Staden) e *Morpion* (Léry e Thevet): são todas formas divergentes da mesma denominação geográfica, á qual, como de costume, Hans Staden junta a preposição.

Mas Teodoro Sampaio considera *Urbione* como variante de *Urpion*, *Urpion* etc. Não ha motivo: *Urbione* é a mesma palavra *Urbion* ou *Urpion* com a vogal eufônica que ligava á preposição os vocabulos terminados em consoante: *Urbion-e-me*.

Fonema apenas articulado, essa vogal a Anchieta pareceu *y*, a Figueira *i* ou *u*; na realidade seria um som indefinível, facilmente sujeito á assimilação das sílabas vizinhas.